

O INSTITUTO BLUMENAU 150 ANOS: COMEMORANDO E MONUMENTALIZANDO A MEMÓRIA DOS BLUMENAUENSES

Fernanda Sasse¹

Resumo: A pesquisa refere-se a construção do imaginário blumenauense durante as comemorações do sesquicentenário da cidade, visando uma discussão entre as simbologias construídas a partir das festividades, como o hino, cartazes, livros, monumentos e eventos, além do sentido de se construir um Instituto para exercer as funções festivas durante o centenário de falecimento do Dr. Blumenau e sesquicentenário da cidade de Blumenau. Analisa-se através das perspectivas da história do tempo presente elementos da contemporaneidade e de um passado recente, perspectivas de jornais, livros publicados no ano de 1999 e 2000, além de autores que discutem o efeito da memória na construção de nações e de um passado comum, de forma anacrônica, visando uma “rememoração total” daquilo que se viveu no passado. O processo de “manutenção das tradições” é uma estratégia utilizada pelas elites políticas, culturais e econômicas, dependendo do contexto histórico, como forma de legitimar sua dominação e seus valores na sociedade e conforme a sociedade vai modificando seus pensamentos e assim alteram-se as formas de ressignificar a memória.

Palavras-chave: Memória – Instituto Blumenau 150 anos – Patrimônio.

Blumenau, no final do século XX, enfrentou uma grande crise econômica. As indústrias, que davam suporte econômico para a cidade, passavam por dificuldades devido à “abertura comercial indiscriminada” (BRANDÃO, 2000, p.24), onde os produtos importados tiveram alta procura no mercado interno, enquanto a exportação ficava comprometida. A grande virada econômica deu-se, segundo os empresários, com a manutenção das indústrias em setores críticos, reduzindo custos e terceirizando atividades produtivas” (BRANDÃO, 2000, p.24).

Em um contexto mais geral, o ano de 2000 apresentou as expectativas para virada do século, além de rememorar datas importantes para a constituição do imaginário nacional com os “500 anos da descoberta” do Brasil. Certamente um ano privilegiado para marcar a história de Blumenau com as comemorações de 150 anos de fundação. A participação de Blumenau no contexto comemorativo nacional dos “500 anos da descoberta” foi parte significativa das festividades regionais, principalmente quando a exposição itinerante, *O Imperador Viajante – Dom Pedro II Redescobre o Brasil*, “organizada pelo Museu Imperial” (RODRIGUES, 2000, p.05), permaneceu na cidade de Blumenau durante quinze dias. Além disso, foi sede do X Congresso Nacional

¹ Bacharel e licenciada em História na Fundação Universidade Regional de Blumenau. E-mail: (nanda.sasse@gmail.com)

da Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil (FECAB), que objetivava-se na “ampliação do universo de relações entre agentes culturais e pesquisadores ligados à preservação da memória e da imigração/colonização alemã no Brasil”.² A escolha de Blumenau, entre as 33 cidades do Brasil que a exposição do imperador D. Pedro II passaria e do evento que discutia nacionalmente a imigração alemã, de certa forma é símbolo de prestígio para a cidade nacionalmente, dando confiança aos organizadores da festa na cidade para a grandiosidade do evento.

1 A CRIAÇÃO DO INSTITUTO BLUMENAU 150 ANOS

A cidade de Blumenau tem apropriado historicamente a narrativa de luta desde o momento em que Dr. Blumenau iniciou seu projeto de colônia, justificando-se a partir de histórico de dificuldades. Dentre os diversos problemas apontados durante o processo de aprovação do projeto de colonização, Sabine Kiefer, no livro *Um alemão nos trópicos*, aponta que o Dr. Blumenau “era proprietário de extensas terras, mas estava sozinho, sem nenhum apoio governamental”, além dos problemas diários da Colônia, com o dinheiro, a responsabilidade administrativa e a enchente, que este resolveu através do trabalho duro e da superação (KIEFER apud BLUMENAU; FERREIRA; PETRY, 1999, p.37).

As propagandas da cidade também produzem uma identificação com este discurso: “Nem as repetidas cheias do Rio Itajaí-Açu, nem os entraves nacionalistas durante as duas guerras mundiais conseguiram refrear a criatividade e a sede de progresso dos blumenauenses” (MONTEIRO; PENZ, 2000, p.13). Com o objetivo de consagrar a memória no “universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa ‘rememoração’ de acontecimentos-passados, significações diversas para uso do presente” (SILVA, 2002, p.432).

Partindo deste contexto econômico-social, o poder público criou o *Instituto Blumenau 150 Anos* com a finalidade de “coordenar as atividades relacionadas às comemorações dos 150 anos de Blumenau e dos 100 anos da morte do Dr. Blumenau.”³ A idéia, segundo José dos Reis Garcia, membro da comissão especial do *Instituto*

² Convite para o Xº Congresso Nacional da FECAB. Acervo: AHJFS.

³ Regimento Interno da Comissão Organizadora do Instituto Blumenau 150 anos. 01/06/1999. Art. 2º. Acervo: AHJFS.

Blumenau 150 anos e secretário de planejamento da cidade naquele ano, foi de uma pessoa muito influente no meio cultural da cidade, Horácio Braun (GARCIA, 2011). O intuito de Horácio com a festa foi para que “toda a população participasse” (GARCIA, 2011) e juntando aos problemas burocráticos que gerariam uma festa organizada e financiada através de órgãos administrativos da prefeitura, a intenção foi de criar um órgão para além da administração pública, que criasse possibilidades de convênios com as mais diversas entidades do ramo público e privado no sentido de “organizar, programar e coordenar os eventos alusivos às comemorações dos 150 anos da cidade de Blumenau.”⁴

Logo após o estabelecimento de um regimento interno e estatuto, uma comissão especial foi nomeada com a responsabilidade de produzir eventos e ao mesmo tempo, estabelecer vínculos com “entidades governamentais, autárquicas e particulares”⁵, bem como, para assumir as responsabilidades pelos “interesses do Instituto.”⁶ O coletivo, na sua maioria, era formado por membros particulares, não servidores públicos, salvo os membros que trabalhavam da Fundação Cultural de Blumenau e o secretário de planejamento.

Indiretamente, por ser um ano de eleição e o *Instituto Blumenau 150 anos* ser externo ao órgão administrativo e burocrático do governo, a prefeitura incentivou as festividades isento da responsabilidade organizacional. Ao mesmo tempo que, foi o órgão que mais investiu nas festividades organizadas pelo *Instituto Blumenau 150 anos*. Segundo Garcia, os patrocínios não contaram, o maior investimento foi do próprio governo nas atividades realizadas naquele ano, fora isso, era tudo interesse (GARCIA, 2011). Do outro lado, o discurso das elites econômicas da cidade, neste caso do Sr. Hans Prayon, na época presidente da Associação Industrial e Comercial da cidade, reproduziam o discurso que: “quem está pagando boa parte da festa são as famílias que cresceram e se deram bem em Blumenau”(BRANDÃO, 2000, p.36), dando um sentido ambíguo quanto aos fins financeiros da festividade.

Dentro dos aspectos políticos e sociais, a comissão teve uma função elitista, junto aos patrocinadores, de selecionar como a sociedade deveria apropriar as comemorações dos 150 anos da cidade. Ou seja, esse grupo voluntário ficou

⁴ Estatuto Social do Instituto Blumenau 150 anos. 23/07/1999. Título I. Art. 3º, Inciso I. Acervo: AHJFS.

⁵ Estatuto Social do Instituto Blumenau 150 anos. 23/07/1999. Título I. Art. 3º, Inciso II. Acervo: AHJFS.

⁶ Estatuto Social do Instituto Blumenau 150 anos. 23/07/1999. Título II, parágrafo único. Acervo: AHJFS.

responsável pela “manutenção das tradições”, firmando a prática discursiva para a legitimação desse momento histórico. A invenção e instituição de tradições, identificadas por Hobsbawn, servem como papel fundamental para salvaguardar o modelo político vigente (RANGER; HOBSBAWM, 1997, p.278). A comissão organizadora estava relacionada com o contexto político da época, trabalhando em áreas influentes, facilitando a preparação e os incentivos às comemorações do sesquicentenário da cidade, dentre os personagens estavam: empresários, comerciantes, conselheiro de locais de cultura, diretor de marketing de Santa Catarina, dentre outros. Garcia disse que teve um membro que “prometeu colocar dinheiro, junto aos empresários”, dentro do *Instituto Blumenau 150 anos* para organização das atividades festivas, ou seja, isso indica que havia um interesse em participar desse marco histórico da cidade, principalmente como parte influente do processo.

O *Instituto Blumenau 150 anos* executou o ofício de “manutenção da lembrança” (OZOUF, 1976, p.223) com uma intensa propaganda e formação de símbolos em alusão ao sesquicentenário de fundação da cidade, bem como também o centenário de falecimento do fundador da cidade, Dr. Blumenau. Além disso, propagou o mito fundador, demonstrando um caráter romântico⁷ na relação do alemão com o Brasil:

A fundação de Blumenau desperta ainda hoje uma gama de significados, que se estendem ao âmago da imigração alemã, exatamente pela forma como foi protagonizada e pelos resultados obtidos. Todo esse novo olhar voltado para um reencontro com nossos primeiros imigrantes, cuja marcha sobre floresta e rios virgens munidos apenas de vontade e desejo em transformá-los em sua pátria adotiva é o mais autêntico símbolo de um Brasil terra de todas as gentes. (SCHLOEGEL, 2000, p.16)

O discurso traz a idéia do alemão como fonte do progresso, do futuro dentro da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo que, propaga a herança com esse fundador no presente, justificando os valores apropriados na sociedade partindo do passado.

As subjetividades dão sentido a história de cunho oficial, conhecida através das tradições locais e incentivadas politicamente através de “instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social” (RANGER; HOBSBAWM, 1997, p.271). Como Guy Debord disse, na sociedade do espetáculo são “as aparências organizadas

⁷O significado de romântico neste contexto tem relação com o providencialismo romântico que visa um tradicionalismo, com a exaltação das tradições originárias de uma nação e conservador quanto a valores. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000. p 861.

socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral” (DEBORD, p.16). Há uma busca pela homogeneidade social onde a cidade identifica os indivíduos como parte de uma cultura em comum.

As festividades e políticas culturais criadas no sesquicentenário de Blumenau tiveram um sentido de auto-afirmação da fundação da cidade e de uma história alusiva com elementos de memória material e imaterial para dar visibilidade e sentido a mesma. A antropóloga Lilia Moritz Schwarcz identifica em seu estudo sobre as comemorações da Independência do Brasil no IHGB a influência do Instituto na construção de uma “lógica comemorativa” (SCHWARCZ, 1993, p.104), pautada nas práticas de “produção de monumentos, medalhas, hinos, lemas, símbolos e uniformes próprios” (SCHWARCZ, 1993, p.104), quer dizer, as comemorações produzidas pelo IHGB teriam uma função de estabelecer um mito e de criar esta representação na sociedade (SCHWARCZ, 1993, p.104).

O *Instituto Blumenau 150 anos*, seguiu a lógica do IHGB, nas comemorações do sesquicentenário, representado a história através de simbologias e documentações geradas para afirmar essa comemoração, como selos, exposições, livros publicados, publicações especiais na *Revista Blumenau em Cadernos* e concursos culturais. As simbologias indicam a herança da cidade, elas permanecem guardadas durante o ano, como as decorações da árvore de natal e os ovos de páscoa, para serem justificados apenas em uma data, sem entender o processo histórico ou sem produzir algum pensamento crítico sobre ele. Completar 150 anos de história não teria sentido sem a criação de simbologias e ritos que os membros do *Instituto Blumenau 150 anos* produziram, de forma que justificasse uma história digna de ser lembrada, de forma que a análise dos significados dessas simbologias, faz-se necessária para entender qual era a história que estava sendo construída.

2 A COMEMORAÇÃO DO SESQUICENTENÁRIO DE BLUMENAU E A PRODUÇÃO DE SIMBOLOGIAS

O mundo moderno proporciona, através de uma visão capitalista, a criação de subjetividades que determinem a tradição, fortalecendo o turismo. A historiadora Maria Bernardete Ramos Flores demonstra o que é a significação da tradição para o turista, na

entrevista com Rolf Kastner: “turistas que tem uma forma especial de ver as coisas, procurando as coisas típicas de cada lugar.” (FLORES; WOLFF, 1997, p.36). A ostentação de tradições determina-se como subsídios do real, gerando um processo de diferenciação e hegemonia política, pois exalta culturas em detrimento de outras e ao mesmo tempo, oculta a realidade.

Blumenau e diversas cidades passaram pelas práticas de “ordenação dos fatos históricos com o objetivo de solidificar o passado por meio da construção de especificidades locais, legitimando, assim, a memória histórica de cunho oficial [...]” (FERREIRA; KOEPEL, 2008, p.329). Nesta perspectiva, a historiadora Cristina Ferreira percebe esse “perfil homogêneo” das sociedades regionais como a forma de “dar um passado” e privilegiar certos “grupos influentes” (FERREIRA, 1998, p.140). O ideal germânico é a representação tomada pela elite econômica, identificada pela origem com o fundador da cidade e pela imagem superior que ele apresenta no contexto social e econômico.

A comemoração é o momento de gerar uma série de documentos em inserção à “história oficial” de um determinado grupo com finalidades identitárias. Na sociedade “seduzida pela memória”⁸ há toda uma luta contra o esquecimento e um investimento no “culto ao passado”. A sociedade moderna está vivendo uma:

[...] comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos [...], a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão, incluindo, nos Estados Unidos, um canal totalmente voltado para a história: o *History Channel*. (HUYSEN, 2004, p.14).

A cidade de Blumenau vive constantemente o processo capitalista que aproveita as propagandas para continuar a fantasia germânica. O aniversário da cidade, dia dois de setembro, ainda é comemorado com um desfile alusivo, com personagens e reprodução da história. Os indivíduos contemplam esta tradição teatral como parte do real e isso não é um fato isolado, faz parte da cultura geral, onde as datas são instituídas tanto pela cultura religiosa, como pela cultura econômica.

⁸ Em alusão ao livro “Seduzidos pela memória” de Andreas Huyssen.

As comemorações consagram um sentimento de pertencer nos indivíduos por dirigi-los ao passado, mitificá-lo como glorioso e assim, provocar uma nostalgia histórica daquilo que nem se viveu, mas que uma tradição coletiva ilusória estabeleceu. Acima de tudo, estas são objetos de interesses nos jogos políticos e ideológicos, constituindo uma memória edificante e coletiva.

A construção de “locais de memória” (NORA, 1981, p.7) é o meio de estabelecer uma “consciência comemorativa” (NORA, 1981, p.12) e conseqüentemente desenvolver uma memória coletiva. Pierre Nora afirmou:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1981, p.13).

Nora explica que a comemoração não passa de uma construção que legitima a memória, desejada por um grupo selecionado, além de produzir uma abstração àqueles que não possuem o mesmo sentimento, apropriando o discurso como uma verdade em simbologias. Canclini acredita que “o patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (CANCLINI, 2003, p.162), onde a teatralização seria “o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje.” (CANCLINI, 2003, p.162) O teatro parte de uma “arte de representar” e por interesses políticos e econômicos, as sociedades tem essa atividade como forma de instituir o “real”.

A “monumentalização” está ligada a um privilégio concedido as elites pelas elites, como forma representar uma dominação influenciando na escrita da história e na legitimação popular. O início dos monumentos na cidade de Blumenau se deu no final dos anos 20, inaugurando com o busto de Victor Konder, relacionado ao interesse de perpetuar uma elite política, que estava em ascensão no Vale do Itajaí naquela época (FROTSCHER, 2003, p.106). Segundo Nestor García Canclini, “o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista” (CANCLINI, 2003, p.160).

A relação com os “locais de memória” estão ligadas a reconstrução do passado para justificar uma herança. O presidente da Fundação Cultural de Blumenau e membro da comissão especial do *Instituto Blumenau 150 anos*, Bráulio Maria Schloegel

escreveu em sua explicação sobre a festividade do sesquicentenário que “pensar o futuro só faz sentido, se se conhece os anseios dos que nos procederam” (SCHLOEGEL, 2000, p.16), confirmando o ideal de herança e incerteza do futuro sem a base no passado. Da mesma forma que José dos Reis Garcia disse que o *Instituto Blumenau 150 anos* tinha como intuito principal as festividades, mas ao mesmo tempo pensava nas políticas da cidade (GARCIA, 2011). As políticas propostas para a cidade deram uma visão progressista ao processo festivo, com uma continuidade do passado, das tradições e visões herdadas, os monumentos e outros símbolos apropriados durante as festividades, estabelecem “uma nova interpretação da história” ou até uma “fusão” de tradições, como diria Hobsbawn (RANGER; HOBSBAWM, 1997, p.282).

A cidade ganhou uma representação edificante de sua história “oficial”, tanto na valorização de certos conjuntos arquitetônicos mais antigos, como através da produção de simbologias que representam um olhar do presente sobre o passado, como os monumentos, a historiografia, concursos de poesia, concurso de fotografias e demais elementos da construção simbólica local.

As restaurações de prédios durante o centenário de morte do Dr. Blumenau e sesquicentenário da cidade foram partes significativas no processo de rememoração dos vultos do passado, como também uma forte identificação com os patrocinadores, pelo sentido político e econômico que isso representou para estes personagens.

O Mausoléu faz parte da herança que o fundador deixou e representa um “culto” a sua memória, por isso o processo de museificação desse espaço se tornou parte integrante nos discursos do sesquicentenário da cidade. Da mesma forma que a reforma da Antiga Prefeitura, sede da Fundação Cultural de Blumenau, teve incentivos durante as festividades do sesquicentenário por representar o início da administração da colônia, onde Dr. Blumenau dirigia a colônia. A questão é que a importância desse prédio como mais um “local de memória” se deu pela representação que a edificação ganha ao pertencer a ideologia do fundador da cidade. A estrutura ganha visibilidade monumental durante as festividades e depois, continua sua função de sede da Fundação Cultural, invisível e comum a sociedade.

Outras “duas importantes reformas” objetivadas e realizadas pelo *Instituto Blumenau 150 anos*, foram “a restauração do Vapor Blumenau e a da casa mais antiga

do Vale do Itajaí, datada de 1958, e localizada na Alameda Duque de Caxias”⁹, conhecida hoje pelo Museu da Família Colonial. O Vapor Blumenau e o Museu da Família Colonial são monumentos que demonstram a herança com os pioneiros na construção da cidade, por isso, foram reformas essenciais durante o sesquicentenário da cidade. O Vapor Blumenau foi a base da colônia por muitos anos, pois era o transporte mais utilizado pelos imigrantes na recente colônia, além de marcar a história por levar “os primeiros imigrantes alemães rio Itajaí acima até o local da futura colônia.” (BRANDÃO, 2000, p. 37) O projeto de restauro do Vapor propunha uma intervenção para que a comunidade estabelecesse um contato maior com a importância do Vapor e do rio para a constituição da história, pois reviveria “no presente passeios do imaginário histórico da cidade”, além de resgatar “a importância do rio para a região.”¹⁰ A intervenção no objeto histórico, ressignificou ele, impossibilitando uma idealização idêntica ao passado. Suas funções de navegações não foram restabelecidas e a população teve suas impressões durante a festividade, mas depois este símbolo foi esquecido como permanece até a atualidade.

Da mesma forma que as edificações presentes na cidade e que ganharam incentivos políticos e econômicos para reconstrução, a cidade recebeu durante as festividades do sesquicentenário diversos monumentos que representam a memória do imigrante e da teatralização do passado. O monumento, como as construções históricas, segundo Françoise Choay, “são modos como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e constituíram sua identidade” (CHOAY, 2001, p.205).

Durante as comemorações do centenário de morte do Dr. Blumenau e sesquicentenário da cidade, a estátua do fundador ganhou reconhecimento através de sua transferência para frente do seu mausoléu, ao lado da antiga prefeitura. Foi um modo que a elite cultural e econômica da cidade encontrou de reconhecimento do ilustre fundador da cidade em seu “local de memória”, onde seus restos mortais se encontravam, formando um local de culto, na união da estátua ao seu Mausoléu.

Após a transferência da estátua do Dr. Blumenau, surgiram outros monumentos alusivos a memória e a história da cidade, mas com um novo tipo de representação. Exemplo disso é o monumento de Guido Heuer (figura 1), que dá início a uma produção

⁹ *Um presente para Blumenau.* Jornal de Santa Catarina, Caderno especial sobre a Reforma do Prédio da Antiga Prefeitura de Blumenau, 8 de novembro de 2001. p. 5. Acervo: AHJFS.

¹⁰ Projeto de Restauro do Vapor Blumenau. Acervo: AHJFS.

abstrata do que a memória está referenciando, no caso das festividades, era a noção de origem e futuro. A escultura de Guido Heuer produz a noção de progresso, pois enaltece a fecundidade da planta na construção do futuro, ao mesmo tempo que, o Vale do Itajaí é ressaltado como base fértil para o desenvolvimento e futuro.¹¹

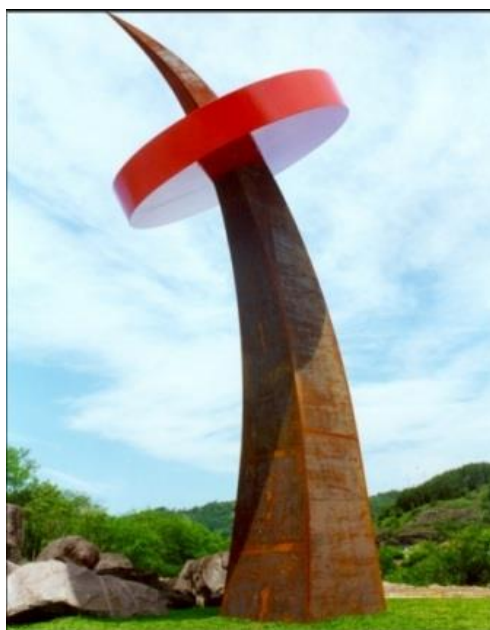


Figura 1 – Escultura Anônima (Aço ‘corten’) – Guido Heuer.

Fonte: <http://www.guidoheuer.com.br/esc.html>

Outras referências do abstracionismo monumental são o Monumento dos 150 anos de Blumenau, o Mirante doado pela RBS e o Relógio de Flores, todas elas, obras comemorativas do sesquicentenário querendo exaltar a visão de origem, com a representação dos antepassados, e posse, com a elite econômica investindo na memória. Os vultos do passado são exaltados da mesma forma que as figuras de personagens, como Victor Konder, Dr. Blumenau, Fritz Müller, mas com uma compreensão que parte de subjetividades, simbologias que representam esses indivíduos, e contempla as estruturas monumentais através de sentidos diferentes.

Tanto o monumento do sesquicentenário da cidade, quanto o Mirante doado pela RBS e idealizado pela Loja Maçônica de Blumenau, tiveram o sentido de estabelecer

¹¹ Informações retiradas da placa informativa da escultura.

uma memória dos primeiros imigrantes, de sua chegada com a sua fixação no marco de chegada dos imigrantes e também a subjetiva pegada dos imigrantes como parte integrante do monumento. É a fixação de uma elite no local de memória dos imigrantes, uma elite econômica que justificou sua origem através do fundador da cidade, dando a entender que segue os passos do fundador nas suas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comemorações tiveram um sentido de exaltar a memória conforme os interesses de uma elite econômica e política da sociedade no final do século XX. A narrativa é composta por aspectos que exaltam as origens germânicas da cidade que proporcionaram a continuidade das características constituídas desde a colônia, seus “vultos do passado” e o discurso instaurado de superação em meio às adversidades. A relação da memória e os monumentos consagraram um “universalismo dos valores de uma comunidade, [que através das] comemorações buscam, nessa ‘rememoração’ de acontecimentos passados, significações diversas para o uso do presente” (SILVA, 2002, p.432).

Os monumentos dos 150 anos de Blumenau assimilam os dois sentidos identificados por Le Goff, “uma obra comemorativa de arquitetura ou escultura, outro, um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa” (LE GOFF apud FROTSCHER, 2003, p.107). A sua expressão é momentânea, exaltando os aspectos que interessam os indivíduos que investiram nessa memória. Após a finalização das festividades, a população continuou suas atividades, “como se nada tivesse acontecido” (GARCIA, 2011), segundo entrevista com José dos Reis Garcia.

A sociedade não oferece mais suportes para a manutenção das tradições no presente e a “memória social e coletiva é construída através de uma variedade de discursos e diversas camadas de representações” (HUYSSSEN, 2004, p.80). Por isso, as comemorações são o “boom” da memória, onde políticas públicas para os patrimônios históricos são desenvolvidos, monumentos são construídos e a história “oficial” é ressignificada, condicionando os indivíduos a “rememoração” através da repetição e teatralização do passado.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 385 p.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. da UNESP, 2001. 282p.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Editoração e-books, Projeto Periferia. Retirado de www.geocities.com/projetoperiferia. Versão PDF.
- FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998.1v. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabricio. *Representações da cidade: discussões sobre a história de Timbó*. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008. 360 p.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. 188p.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 116p.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Traduzido por Yara Aun Khoury de Lês Lieux de Memórie. In: Projeto História. São Paulo: Brasil, 1981. p. 7-28.
- OZOUF, Mona. *A Festa: sob a Revolução Francesa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). História: novos objetos. Tradução de Terezinha Marino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 216-232.
- RANGER, T. O.; HOBBSAWM, E. J. *A Invenção das tradições*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 316p.
- FROTSCHER, Méri. *Mãos que esculpem a memória no espaço urbano: investimentos em monumentos em Blumenau na primeira metade do século XX*. In: RAMPINELLI, Waldir José (org.). *História e Poder: a reprodução das elites em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2003. 224p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: companhia das Letras, 1993. 287p.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *"Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 22, n. 44, 2002 . p. 425- 438.

FONTES

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000. xii, 1014p.
- BLUMENAU, Hermann Bruno Otto; FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 Anos, 1999. xxiii, 279p, il. Edição bilíngüe alemão-português.
- BRANDÃO, Vladimir. *A festa da virada*. Revista Expressão. Florianópolis, 2000, ano 9, nº 103.

Convite para o Xº Congresso Nacional da FECAB. AHJFS. Fundo Memória da cidade. Grupo: 150 anos de Blumenau. Eventos Realizados pelo Instituto Blumenau 150 anos no sesquicentenário.

Estatuto Social do Instituto Blumenau 150 anos. 23/07/1999. AHJFS. Fundo Instituto Blumenau 150 anos. Estatutos e portarias.

GARCIA, José dos Reis. *O Instituto Blumenau 150 anos*. Itapema – SC, 23 de outubro de 2011. Acervo Pessoal. Entrevista concedida a Fernanda Sasse, acadêmica do Curso de História, para a utilização no Trabalho de Conclusão da graduação.

MONTEIRO, Rogério; PENZ, Ingo (fotos). *Blumenau: Charme Germânico*. Florianópolis: Mares do Sul, 2000.

Projeto de Restauro do Vapor Blumenau. Acervo AHJFS. Fundo Instituto Blumenau 150 anos. Restauro Vapor Blumenau.

Regimento Interno da Comissão Organizadora do Instituto Blumenau 150 anos. 01/06/1999. AHJFS. Fundo Instituto Blumenau 150 anos. Estatutos e portarias.

RODRIGUES, Patrícia. *Relíquias do Imperador Viajante*. Jornal Diário Catarinense. Blumenau, 03/06/2000. AHJFS. Fundo Instituto Blumenau 150 anos. Comissão de Cultura. Imprensa.

SCHLOEGEL, Bráulio Maria. *Blumenau 150 anos*. Jornal Cultura em Movimento. Blumenau, ago/set de 2000. Acervo: AHJFS. Fundo Memória da Cidade. Grupo: 150 anos de Blumenau. Divulgação.

Um presente para Blumenau. Jornal de Santa Catarina, Caderno especial sobre a Reforma do Prédio da Antiga Prefeitura de Blumenau, 8 de novembro de 2001. Acervo AHJFS. Fundo Instituto Blumenau 150 anos. Reconstrução da Antiga Prefeitura de Blumenau.